

# *O CHAMADO DE CTHULHU*



*“The Call of Cthulhu” – 1926*

*H.P. LOVECRAFT*

*Tradução de Damnus Vobiscum*

# *O CHAMADO DE CTHULHU*

*Não é possível que tais potências ou seres tenham sobrevivido... tenham sobrevivido a uma época infinitamente remota, onde... onde a consciência se manifestasse, talvez, sob corpos e formas que há muito tempo se retiraram do mundo, diante da ascendente maré da humanidade... formas das quais só a poesia e a lenda conservaram uma fugaz recordação, sob a nomenclatura de deuses, monstros, enfim, seres míticos de todas as classes e espécies...*

*Algernon Blackwood*

## *O HORROR EM ARGILA*

Não há no mundo maior fortuna, acredito, que a incapacidade da mente humana em relacionar em si mesma tudo o que nela há. Vivemos em uma ilha de plácida ignorância, rodeados pelos mares negros do infinito, e não é nosso destino empreender longas viagens. As ciências, que seguem seus próprios caminhos, até agora não causaram muito dano; mas algum dia a união de inúmeros conhecimentos dissociados abrir-nos-á os olhos para a realidade e para a perturbadora posição que nela ocupamos, em perspectivas tão terríveis que enlouqueceremos diante de tal revelação ou fugiremos dessa luz funesta, refugiando-nos na segurança e na paz de uma nova Idade das Trevas.

Alguns teósofos intuíram a majestosa grandeza do ciclo cósmico do qual nosso mundo e nossa raça não são mais que fugazes incidentes. Assinalaram seus estranhos sobreviventes em termos que gelariam o sangue, não estivessem os mesmos disfarçados por um brando otimismo. Mas não foram eles que me deram a fugidia visão desses dons proibidos, os quais me fazem estremecer quando penso neles, e me enlouquecem em pesadelos. Essa visão, como toda temível visão da verdade, surgiu de uma união casual de elementos diversos; nesse caso, o artigo de um velho periódico e as notas de um professor já falecido. Espero que nenhum outro consiga levar a cabo tal união; eu, com toda certeza, enquanto vivo, não aludirei voluntariamente a um só elo de tão espantosa cadeia. Creio, por outra parte, que o professor havia decidido, também, não revelar o que sabia, e que, se não tivesse morrido repentinamente, teria destruído suas anotações.

Tomei pela primeira vez conhecimento desse assunto no inverno de 1926/1927, quando da morte de meu tio-avô, George Gammel Angell, professor honorário de línguas semíticas da Universidade de Brown, Providence, Rhode Island. O professor Angell era uma autoridade vastamente conhecida em matéria de antigas inscrições e a ele haviam recorrido

com freqüência os curadores dos mais importantes museus. Muitos devem portanto recordar sua desapareição, ocorrida à idade de noventa e dois anos. As obscuras razões de sua morte aumentaram ainda mais o interesse local. O professor tinha morrido enquanto voltava de barco de Newport, e, segundo afirmam as testemunhas, logo após receber o esbarrão de um marinheiro negro. Este havia surgido de uma das curiosas e sombrias passagens situadas na falda abrupta da colina, que une as docas à casa do defunto, em Williams Street. Os médicos, incapazes de descobrir alguma desordem orgânica, concluíram, após perplexa troca de opiniões, que a morte devia ser atribuída a uma nebulosa lesão no coração, determinada pela rápida ascensão de uma costa excessivamente empinada para um homem tão idoso. Na data, não vi motivo para discordar desse diagnóstico, mas hoje tenho minhas dúvidas... e algo além.

Como herdeiro e executor de meu tio-avô, viúvo e sem filhos, era de esperar que eu examinasse seus papéis com certa atenção. Trasladei com esse propósito todos os seus arquivos e caixas para minha casa, em Boston. O material por mim reunido seria publicado, em sua maior parte, pela Sociedade Americana de Arqueologia; mas havia uma caixa que me pareceu sumamente enigmática, e senti sempre certo receio de mostra-la para outras pessoas. Estava fechada, e não encontrei a chave até que me ocorreu examinar o chaveiro que o professor levava sempre consigo. Logrei abri-la então, mas deparei-me com outro obstáculo, maior e ainda mais impenetrável. Que significado podiam ter esse curioso baixo-relevo de argila, e aquelas notas, fragmentos e recortes de velhos periódicos? Havia-se convertido meu tio, em seus últimos anos, num devoto das mais superficiais imposturas? Resolvi procurar pelo excêntrico escultor que havia alterado a paz mental do ancião.

O baixo-relevo era um tosco retângulo de dois centímetros de espessura e uns trinta ou quarenta centímetros quadrados de superfície; indubitavelmente de origem moderna. Os desenhos, contudo, não eram nada modernos, nem por sua atmosfera nem por sua sugestão; pois ainda que as estranhezas do cubismo e do futurismo sejam numerosas e extravagantes, não lograriam reproduzir essa críptica regularidade da arte pré-histórica representativa. E a maior parte dos desenhos parecia ser, certamente, alguma espécie de escrita. Apesar de minha familiaridade com os papéis e coleções de meu tio, não pude identifica-la, nem sequer suspeitar alguma remota relação.

Sobre os supostos hieróglifos havia uma figura de caráter evidentemente representativo, ainda que a execução impressionista impedisse compreender sua natureza. Parecia uma espécie de monstro, ou o símbolo de um monstro, ou uma forma que só uma fantasia enfermiça poderia conceber. Se digo que à minha imaginação, algo extravagante, pareceu ao mesmo tempo um polvo, um dragão e a caricatura de um ser humano, não trairei o espírito do desenho. Sobre um corpo escamoso e grotesco, munido de asas rudimentares,

erguia-se uma cabeça bulbosa e coroada de tentáculos; mas era o *contorno geral* que a fazia mais particularmente horrível. Por detrás da figura se esboçava uma arquitetura ciclópica.

As notas que acompanhavam esse curioso objeto, além de uns recortes de jornal, haviam sido escritas pelo próprio professor e não tinham pretensões literárias. O documento de aparência mais importante era encabeçado pelas palavras *O CULTO DE CTHULHU*, escritas cuidadosamente em caracteres de imprensa, para evitar qualquer erro na leitura de um nome tão obscuro. O manuscrito era dividido em duas partes; a primeira tinha o título: “1925, Sonho e obra onírica de H. A. Wilcox, Thomas Street 7, Providence, R.I.”, e a segunda: “Informe do inspetor John R. Legrasse. Bienville Street 121, New Orleans, à Sociedade Americana de Arqueologia, 1928. Anotações do mesmo e do Prof. Webb” . As outras notas manuscritas eram todas muito breves: relatos de sonhos curiosos de diferentes pessoas, citações de livros e revistas teosóficas (principalmente *A Atlântida e a Lemúria perdidas* de W. Scott-Elliot), e o resto comentários acerca da sobrevivência das sociedades e cultos secretos, com referência a passagens de tratados mitológicos e antropológicos, como a *A Vinha Dourada* , de Frazer, e *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental* , da senhorita Murray. Os recortes de jornais aludiam principalmente a casos de alienação mental e crises de demência coletiva na primavera de 1925.

A primeira parte do manuscrito principal relatava uma história bem curiosa. Parece que em 1º de março de 1925, um jovem magro, moreno, de aspecto neurótico, sendo presa de grande excitação, tinha visitado o professor Angell trazendo o singular baixo-relevo de argila, então ainda fresco e úmido. Em seu cartão lia-se o nome de Henry Anthony Wilcox, e meu tio havia reconhecido nele o filho mais novo de uma excelente família, com a qual estava ligeiramente relacionado. Wilcox, que já fazia algum tempo estudava desenho na Escola de Belas Artes de Rhode Island, e que vivia no hotel *Fleur de Lys*, bem próximo dessa instituição, era um jovem precoce de gênio indubitável, mas também bastante excêntrico. Desde sua infância havia chamado atenção pelas histórias e sonhos estranhos que costumava relatar. Denominava a si mesmo fisicamente hipersensitivo ; mas a gente séria da velha cidade comercial considerava-o, simplesmente, diverso . Não havia jamais freqüentado os de sua própria classe e pouco a pouco tinha-se retirado de toda atividade social. Atualmente era conhecido apenas por alguns estetas de outras cidades. A Associação Artística de Providence, desejosa de preservar seu conservadorismo, banira-o.

Naquela visita, dizia o manuscrito, o escultor havia bruscamente pedido a ajuda dos conhecimentos arqueológicos de seu hóspede para identificar os hieróglifos. O jovem falava de modo pomposo e descuidado, o que impedia muito simpatizar com ele. Meu tio respondeu-lhe com secura, pois a evidente idade da tabuleta excluía qualquer possível relação com as ciências arqueológicas. A resposta do jovem Wilcox, que impressionou

bastante meu tio (a ponto de reproduzi-la palavra por palavra), tinha aquela ênfase poética que sem dúvida caracterizava sua conversação habitual.

“É nova, concordo”, disse, “pois moldei-a esta noite, enquanto sonhava com estranhas cidades; mas os sonhos são mais velhos que a portuária Tiro, a contemplativa Esfinge, ou a Babilônia guarnecida de jardins”.

E começou a narrar uma história desordenada que, de pronto, despertou em meu tio uma lembrança. O ancião mostrou-se febrilmente interessado. Na noite anterior tinha havido um leve tremor de terra – o mais violento de quantos haviam sacudido New England nesses últimos anos – que havia afetado terrivelmente a imaginação de Wilcox. Já na cama, e pela primeira vez na vida, tinha visto em sonhos umas cidades ciclópicas de enormes blocos de pedra e gigantescos e sinistros monólitos de um horror latente, que exsudavam um limo esverdeado. Muros e pilares estavam recobertos de hieróglifos, e das profundezas da terra, de algum ponto indeterminado, soava uma voz que não era uma voz, mas antes uma sensação confusa que só a fantasia poderia traduzir, na seguinte união de letras (quase impronunciável):

*Cthulhu fhtagn.*

Essa mistura de letras foi a chave da recordação que excitou e perturbou o professor Angell. Inquiriu o escultor com minuciosidade científica, e estudou com uma intensidade quase frenética o baixo-relevo que o jovem teria esculpido em sonhos, vestindo apenas pijama, tremendo de frio. Meu tio culpou à sua avançada idade, disse Wilcox mais tarde, o fato de não reconhecer com rapidez os hieróglifos e o desenho. Muitas de suas perguntas pareceram um pouco fora de lugar a seu visitante, especialmente aquelas que tratavam de relacionar este último com sociedades e cultos profanos; e Wilcox não pôde entender por que meu tio prometeu repetidamente guardar silêncio se admitisse ser membro de uma daquelas inumeráveis seitas pagãs ou místicas. Quando o professor ficou enfim convencido de que Wilcox realmente ignorava tudo com respeito a doutrinas e cultos secretos, suplicou-lhe que não deixasse de informá-lo acerca de seus sonhos. A súplica deu frutos, pois a partir dessa primeira entrevista o manuscrito menciona visitas diárias do jovem e a descrição de surpreendentes visões noturnas cujo tema principal era sempre umas construções ciclópicas de pedra, úmidas e escuras, e uma voz ou inteligência subterrânea que gritava uma e outra vez, em enigmáticas e sensíveis vibrações, algo indescritível. Os dois sons que se repetiam com mais freqüência eram os representados pelas palavras *Cthulhu* e *R'lyeh*.

Em 23 de março, continuava o manuscrito, Wilcox faltou ao compromisso. Uma investigação realizada no hotel revelou que havia sido atacado por uma febre de origem

desconhecida e tinham-no levado para a casa de seus pais, na Waterman Street. Pusera-se a gritar em meio à noite, despertando vários artistas que viviam no mesmo hotel, e desde então havia passado alternativamente da inconsciência ao delírio. Meu tio telefonou em seguida para a família, e a partir daí seguiu o caso de perto, indo às vezes ao consultório do doutor Tobey, na Thayer Street, médico de cabeceira do jovem. A mente febril de Wilcox alimentava, aparentemente, estranhas imagens; o doutor estremeceu ao recordá-las. Não só incluíam uma repetição dos sonhos anteriores, mas também uma criatura gigantesca, “de vários quilômetros de altura”, que caminhava ou movia-se pesadamente.

Wilcox nunca a descrevia com todos os detalhes, mas as poucas e incoerentes palavras que o doutor Tobey lembrava convenceram o professor de que aquele era o monstro que o jovem tentara representar. Quando Wilcox referia-se à sua obra, acrescentou o doutor, caía em seguida, invariavelmente, em algum tipo de letargo. Curiosamente, sua temperatura jamais ficava acima do normal; entretanto, seu estado parecia ser causado mais por uma febre violenta do que por alguma desordem cerebral.

Em 2 de abril, às três da tarde, a enfermidade cessou de repente. Wilcox sentou-se na cama, assombrado por encontrar-se na casa de seus pais, e ignorando totalmente o que havia ocorrido em seus sonhos ou na vida real partindo de 22 de março. Como o médico declarasse que estava curado, três dias depois voltou ao hotel. Porém já não foi de nenhuma utilidade para o professor Angell. Junto à sua doença haviam-se desvanecido todos aqueles sonhos, e depois de ouvir durante toda uma semana os relatos inúteis e irrelevantes de umas visões muito comuns, meu tio deixou de anotar os pensamentos noturnos do rapaz.

Aqui terminava a primeira parte do manuscrito, mas as abundantes notas convidavam a uma lenta reflexão. Só o ceticismo inveterado que então formava minha filosofia poderia explicar minha persistente desconfiança. As notas descreviam o que haviam sonhado diversas pessoas no mesmo período em que o jovem Wilcox tivera suas estranhas revelações. Meu tio, aparentemente, havia organizado rapidamente um vasto grupo entre quase todos aqueles que podia interrogar sem parecer impertinente, pedindo que contassem-lhe seus sonhos e comunicassem as cenas de todas as suas mais notáveis visões. As reações foram variadas; mas o professor juntou mais respostas do que qualquer outro homem teria conseguido sem um secretário. Ainda que não tenha conservado a correspondência original, as notas formavam um completo e muito significativo resumo. A aristocracia e os homens de negócios o tradicional sal da terra de New England deram um resultado quase completamente negativo, salvo alguns poucos casos registrados de impressões noturnas, sempre entre 13 de março e 2 de abril, período de delírio do jovem escultor. Os homens de ciência tampouco foram afetados, ainda que pelo menos quatro

vagas descrições sugerissem a visão fugaz de estranhas paisagens, e um deles falara do temor a algo anormal.

As respostas mais pertinentes procediam de artistas e poetas, que se pudessem comparar suas notas teriam sido presas do pânico. Diante da falta das cartas originais, cheguei a suspeitar que o compilador estivera fazendo perguntas insidiosas ou tinha deformado o texto da correspondência para corroborar o que tinha resolvido ver. Por isso persisti na crença de que Wilcox, conhecendo de algum modo os velhos documentos reunidos por meu tio, estivera enganando-o. As respostas dos artistas narravam uma perturbadora história. Entre 28 de fevereiro e 2 de abril grande parte deles tiveram sonhos curiosos, alcançando sua máxima intensidade na época de delírio do escultor.

Uma quarta parte falava de cenas e sons semelhantes aos descritos por Wilcox e alguns confessavam seu terror diante de uma criatura gigantesca e sem nome. Um caso, que as notas descreviam com ênfase, era particularmente triste. O sujeito, um arquiteto bastante conhecido, algo inclinado para o ocultismo e a teosofia, ficou completamente louco na noite que levaram o jovem Wilcox para a casa de seus pais, e morreu meses depois gritando que salvassem-no de algum habitante fugido do inferno. Se meu tio tivesse conservado os nomes desses casos, em vez de reduzi-los a números, eu poderia ter uma investigação pessoal. Porém, como estavam as coisas, só pude encontrar uns poucos.

Todos, no entanto, confirmaram as notas. Aos poucos fui me perguntando se aqueles a quem o professor Angell tinha inquirido haviam-se sentido tão intrigados como nesse grupo em particular.

Nunca dei explicações, e foi melhor assim.

Os recortes de jornal, como disse, tratavam de casos de pânico, mania e excentricidade, sempre no mesmo período. O professor Angell devia de ter empregado uma agenda de recortes, pois o número desses extratos era prodigioso, e além disso procediam de todos os rincões do mundo. Um descrevia um suicídio noturno em Londres: um homem tinha saltado por uma janela, logo após lançar um grito horrível. Em uma confusa carta ao editor de um periódico sul-americano um fanático anunciava, apoiando-se em suas visões, um futuro sinistro.

Um despacho da Califórnia relatava que uma colônia teosófica havia começado a usar vestimentas brancas ante a proximidade de um “glorioso acontecimento”, que não chegava nunca, enquanto as notícias da Índia referiam-se cautelosamente a uma séria agitação entre os nativos, produzida em fins de março. As orgias vodu tinham multiplicado no Haiti, e na África falavam de cantos misteriosos. Os oficiais norte-americanos radicados nas Filipinas

tiveram certas dificuldades com algumas tribos, e na noite de 22 de março os policiais de Nova York haviam sido molestados por levantinos histéricos. Confusos rumores percorreram também o oeste da Irlanda, e um pintor chamado Ardois-Bonnot exibiu, em 1926, no salão de primavera parisiense, sua blasfema *Paisagem de Sonho*. Nos asilos de alienados as desordens foram tão numerosas que só um milagre logrou impedir que o corpo médico percebesse curiosas semelhanças e acabasse por tirar conclusões apressadas. Uma estranha coleção de recortes, certamente; apenas hoje percebo o frio racionalismo que me fez tentar refutá-los.

Finalmente tive a confirmação de que o jovem Wilcox realmente tivera conhecimento de alguns fatos anteriormente mencionados pelo professor.

## ***O INFORME DO INSPETOR LEGRASSE***

Os fatos anteriores pelos quais meu tio dera tanta importância aos sonhos do escultor e ao baixo-relevo eram o tema da segunda metade do longo manuscrito. Não fora a primeira vez, ao que parecia, que o professor Angell vira os odiosos contornos do monstro anônimo, meditara sobre os desconhecidos hieróglifos e escutara sílabas que só mesmo a palavra *Cthulhu* poderia traduzir... e em circunstâncias tão fora do comum que não era estranho que perseguisse o jovem Wilcox com perguntas e rogos.

A experiência anterior havia ocorrido dezessete anos antes, em 1908, quando a Sociedade Americana de Arqueologia celebrava seu conselho anual, em Saint-Louis. O professor Angell, por sua autoridade e seus méritos, tinha desempenhado papel importante em todas as deliberações, e dele se acercou um grupo de leigos que aproveitavam a oportunidade da convocação para fazer perguntas e expor problemas.

O chefe desse grupo não tardou em se transformar no centro das atenções de todo o congresso. Era um homem de aspecto bem comum, idade mediana, o qual fizera a viagem de New Orleans a Saint-Louis em busca de certa informação, que não pudera obter em seu distrito. Chamava-se John Raymond Legrasse e era inspetor da polícia. Trazia consigo o motivo de sua viagem: uma estatueta de pedra, repugnante e grotesca, aparentemente muito antiga, cuja origem não conseguira determinar.

Não deve-se acreditar que o inspetor Legrasse se interessasse por arqueologia. Pelo contrário; seu desejo de instrução tinha como única origem razões puramente profissionais.

A estatueta, ídolo, fetiche ou o que fosse, tinha sido capturada uns meses antes, nos pântanos sombrios do sul de New Orleans, no curso de uma expedição contra uma presumida cerimônia vodu. Tão singulares e odiosos eram os ritos, que a polícia compreendeu que achava-se diante de um culto totalmente ignorado, e infinitamente mais diabólico que os do vodu.

Os confusos e incríveis relatos arrancados à força dos prisioneiros nada informaram sobre sua possível origem. Daí o desejo da polícia de consultar alguma autoridade, para assim identificar o horrível símbolo e seguir as pistas do culto até sua fonte.

O inspetor Legrasse não esperava que seu pedido causasse semelhante impressão.

A aparição da curiosa estatueta bastou para excitar os homens de ciência, e logo todos rodearam o inspetor para contemplar de perto a diminuta figura, cuja raridade e aspecto de genuína e abismal antigüidade abriam perspectivas tão misteriosas e arcaicas. Ninguém

reconheceu a técnica ou civilização das quais havia nascido a estátua, e no entanto centenas e até milhares de anos pareciam depositados sobre a escura e esverdeada superfície daquela pedra desconhecida.

A figura, que os membros do congresso passaram de mão em mão para observar com mais minuciosidade, media entre vinte e vinte e cinco centímetros de altura e era finamente lavrada. Representava um monstro de contornos vagamente antropóides, mas com uma cabeça de polvo cujo rosto era uma massa de tentáculos, um corpo escamoso que sugeria certa elasticidade, quatro extremidades dotadas de garras enormes, e um par de asas longas e estreitas nos costados. Essa criatura, que exalava uma malignidade antinatural, parecia ser de uma pesada corpulência, e estava sentada num pedestal ou bloco retangular, coberto de indescritíveis caracteres. A ponta das asas roçavam a parte posterior do bloco, o assento ocupava o centro, enquanto as garras compridas e curvas em seus membros alcançavam a parte anterior e desciam até um quarto da altura do pedestal.

A cabeça de cefalópode se inclinava até o dorso das garras enormes, que apertavam os joelhos erguidos. O conjunto dava uma impressão de vida anormal, mais sutilmente terrífico devido a impossibilidade de estabelecer sua origem. Sua vasta, pavorosa e incalculável idade era inegável; contudo, nada permitia relacioná-lo com qualquer tipo de arte da aurora da civilização.

O material da estátua encerrava outro mistério. Não havia nada parecido, na geologia ou na mineralogia, àquela peça polida, verde escura, de estrias douradas ou iridescentes. Os caracteres da base eram igualmente desconcertantes, e nenhum dos membros do congresso, apesar de representarem a metade das autoridades mundiais nessa esfera, pôde descobrir o mais remoto parentesco lingüístico. Tanto a figura quanto o material pertenciam a algo incrivelmente remoto, totalmente distinto da humanidade que conhecemos: algo que sugeria, de um modo terrível, antigos e profanos ciclos nos quais nosso mundo e nossas concepções não haviam participado.

E, no entanto, enquanto os membros do congresso sacudiam a cabeça e se confessavam incapazes de resolver o mistério, um deles acreditou descobrir algo raramente familiar na efígie e nos hieróglifos, e enfim, não sem alguma reticência, confessou o que sabia. Esse homem era o hoje desaparecido William Channing Webb, professor de antropologia na Universidade de Princeton e explorador de muito renome.

Quarenta anos antes o professor Webb havia percorrido a Groenlândia e a Islândia em busca de certas inscrições rúnicas que até então não pudera descobrir. Na costa da Groenlândia havia-se encontrado com uma tribo degenerada de esquimós, cuja religião e forma singular dos cultos demoníacos haviam-no impressionado sobremaneira por sua face

deliberadamente sanguinária e repulsiva. Era aquela uma fé que os outros esquimós ignoravam quase de todo, e à qual se referiam estremecendo. Datava, diziam, de épocas muito antigas, anteriores ao nascimento do mundo. Junto aos ritos anônimos e sacrifícios humanos havia invocações de origem tradicional dirigidas a um demônio supremo ou *tornasuk*. O professor Webb tinha escutado essa invocação da boca de um velho *angedkok*, ou bruxo sacerdote, e a transcrevera foneticamente, até onde era possível, em caracteres romanos. Mas o que agora parecia importante era o fetiche adorado nesse culto, e ao redor do qual bailavam os esquimós quando a aurora boreal brilhava muito acima dos picos congelados. Era, declarou o professor, um tosco baixo-relevo de pedra com uma figura horrível e alguns caracteres misteriosos. Acreditava lembrar que se parecia, ao menos nos traços essenciais, com a criatura bestial que agora estavam examinando.

Este relato, recebido com assombro e surpresa pelos membros do congresso, pareceu excitar o inspetor Legrassé, que encheu o professor de perguntas. Tendo copiado uma invocação recitada por um dos oficiantes do pântano, rogou ao professor Webb que procurasse lembrar as sílabas colhidas na Groenlândia. Seguiu-se uma exaustiva comparação de todos os detalhes e instantes de sombrio silêncio, enquanto o professor e o detetive comparavam a virtual identidade das frases. Eis aqui, por extenso (a divisão das palavras foi estabelecida de acordo com as pausas tradicionais observadas pelos oficiantes do culto), o que o bruxo esquimó e os sacerdotes da Louisiana cantavam a seus ídolos:

*Ph'nglui mglw'nafh Cthulhu  
R'lyeh wgah'nagl fhtagn.*

Legrassé tivera mais sorte que o professor Webb, pois vários prisioneiros haviam-lhe revelado o sentido de tais palavras. Era algo como:

*Em seu retiro, em R'lyeh  
Morto Cthulhu aguarda, sonhando.*

E então, respondendo a um pedido geral, o inspetor relatou minuciosamente sua experiência com os fiéis do pântano; vejo agora que meu tio deu grande importância a sua história. Tinha certa semelhança com as fantasias mais extravagantes dos teósofos e dos criadores de mitos, e revelava uma assombrosa imaginação de caráter cósmico que ninguém teria esperado entre párias e vagabundos.

Em 1º de novembro de 1907 a polícia de New Orleans havia recebido uma alarmante mensagem da região pantanosa ao Sul. Os colonos, gente primitiva mas de boa índole, descendentes, em sua maior parte, de Laffite, encontravam-se presas do pânico devido a algo desconhecido, que invadira a região durante a noite. Tratava-se aparentemente de um

culto vodu, mas de uma espécie mais terrível que todos os outros. Desde que o malévolo tam-tam começara a soar incessantemente naqueles bosques escuros, onde ninguém ousava aventurar-se, haviam desaparecido várias mulheres e crianças. Ouviram-se gritos irracionais, gemidos assustadores e cantos lúgubres, e umas chamas diabólicas bailavam na névoa espessa. Os vizinhos, dizia o aterrorizado mensageiro, não podiam mais suportar.

Nas primeiras horas da tarde vinte policiais partiram em dois coches e um automóvel, guiados pelo trêmulo colono. Quando o caminho se tornou intransitável, abandonaram os veículos e por vários quilômetros arrastaram-se em silêncio através dos espessos bosques de ciprestes, onde nunca penetrava a luz do dia. Raízes tortuosas e cortinados malignos de musgo espanhol retardavam a marcha, e de vez em quando uma pilha de pedras úmidas ou fragmentos de uma parede em ruínas faziam ainda mais depressiva aquela atmosfera, que as árvores deformadas e as colônias de fungos contribuía para criar. Enfim apareceu um miserável conjunto de choças, e os histéricos colonos correram e agruparam-se ao redor das vacilantes lanternas. O surdo golpear dos tam-tans ouvia-se debilmente, ao longe, e a brisa trazia de quando em quando um gemido que gelava o sangue. Um resplendor avermelhado parecia filtrar-se por entre a folhagem pálida, além das intermináveis avenidas da noite selvática. Apesar do pavor de ficarem novamente sós, todos os habitantes do lugar se recusaram a avançar um único passo até o reduto do culto maldito, de modos que o inspetor Legrasse e seus dezenove colegas tiveram de aventurar-se sem guias por aquelas negras arcadas de horror, onde nenhum deles havia antes posto o pé.

A região em que agora entrava a polícia tinha tradicionalmente extrema má fama, e em sua maior parte não havia ainda sido explorada por homens brancos. Algumas lendas referiam-se a um lago secreto, no qual vivia uma colossal e informe criatura, algo parecida a um pólipo e de olhos fosforescentes, e, segundo os colonos, demônios com asas de morcego saíam à meia-noite de suas cavernas para adorar o monstro. Afirmavam que o monstro estava ali muito antes que La Salle, que os índios, e mesmo que as feras e pássaros do bosque. Era um verdadeiro pesadelo, e vê-lo significava a morte. Mas aparecia em sonhos aos homens, e isso bastava para que estes se mantivessem distanciados. A orgia vodu se desenvolvia nos limites extremos da área sujeita, mas ainda assim o resultado era perturbador, havendo aterrorizado os colonos bem mais que os gemidos e demais incidentes.

Só a poesia ou a loucura poderiam reproduzir os ruídos que os homens de Legrasse ouviram enquanto atravessavam lentamente o sombrio pântano, acercando-se da luz avermelhada e dos surdos tam-tans. Há uma qualidade vocal própria das feras; nada é mais terrível que ouvir uma delas quando o órgão de onde provém deveria emitir outra. Uma fúria animal e uma licenciosidade orgiástica era exacerbada ali até alcançar alturas demoníacas com gritos e uivos extáticos que reverberavam pelos bosques tenebrosos como

sopros pestilentos surgidos dos abismos do inferno. De vez em quando cessavam os gritos e o que parecia um coro de vozes roucas entoava a odiosa melopéia:

*Ph'nglui mglw'nafh Cthulhu  
R'lyeh wgah'nagl fhtagn.*

Por fim os homens chegaram a um local onde o bosque era menos denso, e perceberam, então, que encontravam-se no próprio reduto. Quatro paralisaram, um quinto desmaiou e outros dois lançaram um grito de horror que, por sorte, foi encoberto pelo tumulto da orgia selvagem. Legrasse jogou água pantanosa no rosto do homem desmaiado, e logo todos contemplaram o espetáculo, fascinados pelo horror.

Em um clareira natural do pântano erguia-se uma ilha flutuante de uns quarenta lotes de extensão, desprovida de árvores e bastante seca. Ali saltava e se retorcia uma horda de anormalidades humanas mais indescritíveis que qualquer uma daquelas que poderiam pintar Sime ou Angarola. Sem roupas, a híbrida multidão bramia, rugia e se contorcia ao redor de uma fogueira circular. De vez em quando abriam-se as cortinas de fogo e podia-se distinguir ao centro um bloco de granito de uns dois metros e meio de altura, em cujo cimo, incongruente por sua pequenez, repousava a funesta estatueta. Em dez cadafalsos instalados a intervalos regulares no amplo círculo que rodeava a fogueira, com o monólito como centro, pendiam de cabeça para baixo os corpos estranhamente mutilados dos colonos desaparecidos. Dentro deste círculo saltava e rugia a matilha de fiéis, movendo-se da esquerda para a direita em uma bacanal interminável entre o círculo de cadáveres e o círculo de fogo.

Pode ter sido apenas a imaginação, ou pode ter sido um simples eco, mas um dos homens, um impressionável espanhol, acreditou ouvir que as invocações eram seguidas por respostas antífonas que procediam de um remoto e sombrio lugar, situado no mais profundo daquele bosque lendário. Este homem, Joseph D. Gálvez, a quem mais tarde encontrei e interroguei, era transbordante de imaginário. Chegou a dizer que tinha ouvido o débil golpear de grandes asas e que vislumbrara uns olhos luminosos e uma enorme massa branca detrás das árvores mais distantes. Mas creio que estava demasiado influenciado pelas superstições locais.

A imobilidade dos homens paralisados foi comparativamente de pouca duração. O dever logo venceu todas as dúvidas, e ainda que os celebrantes chegassem a uma centena, a polícia, confiando em suas armas de fogo, irrompeu em meio à horda. Durante cinco minutos o caos e o tumulto foram indescritíveis. Houve furiosos golpes, disparos, e fugas. Mas finalmente Legrasse pôde contar quarenta e sete prisioneiros, aos quais obrigou a vestir-se rapidamente, e rodeou de policiais. Cinco dos celebrantes estavam mortos, e

outros dois, muito feridos, foram transportados por seus cúmplices em macas improvisadas. A imagem do monólito foi embalada com todo cuidado e levada por Legrasse.

Examinados no quartel da polícia após uma viagem exaustiva, os prisioneiros demonstraram ser mestiços da mais baixa ralé, e mentalmente débeis. Eram em sua maior parte marinheiros, e havia alguns negros e mulatos, quase todos procedentes das ilhas de Cabo Verde, que davam um certo matiz vodu àquele culto heterogêneo. Porém não foram precisas muitas perguntas para comprovar que se tratava de algo mais antigo e profundo que um fetichismo africano. Ainda que degradados e ignorantes, os prisioneiros se mantiveram fiéis, com surpreendente consistência, à idéia central de seu nefando culto. Adoravam, disseram, os Grandes Antigos, que eram muito anteriores ao homem e que haviam chegado ao mundo na aurora dos tempos, oriundos do céu. Os Antigos haviam-se retirado para o interior da terra e para o fundo do mar, mas seus cadáveres comunicaram-se em sonhos com o primeiro homem, que inventou um culto que jamais havia acabado. Este era o culto deles, e os prisioneiros disseram que existira sempre e que sempre existiria, ocultando-se nas distâncias desertas em lugares retirados, até que o grande sacerdote Cthulhu saísse de sua sombria morada na cidade submarina de R'lyeh para outra vez reinar sobre a Terra. Algum dia ele viria, quando os astros ocupassem uma determinada posição; e o culto secreto estaria ali, aguardando quando voltasse.

Nada mais podiam dizer. Tratava-se de um segredo que nem a tortura poderia arrancar-lhes. A humanidade não era a única consciente na Terra, pois havia umas formas que emergiam da sombra para visitar seus escassos fiéis. Mas estas não eram os Grandes Antigos. Nenhum ser humano tinha visto os Antigos. O ídolo de pedra representava o grande Cthulhu, mas ninguém podia dizer se os outros eram ou não como ele. Ninguém mais era capaz de decifrar a antiga escritura; muitas coisas se transmitiam oralmente. A invocação ritual não era o segredo. Este não era jamais comunicado em voz alta. O canto significava:

*Em seu retiro, em R'lyeh  
Morto Cthulhu aguarda, sonhando.*

Só dois dos prisioneiros foram julgados normais, e enforcaram-nos; o resto foi enviado a diversas instituições. Todos negaram ter participado dos crimes rituais, e afirmaram que os culpados daquelas mortes eram os Asas Negras, que vieram até eles de seu refúgio imemorial no bosque encantado. Mas nada coerente puderam arrancar sobre aqueles aliados misteriosos. O que a polícia logrou obter saiu em sua maior parte de um velhíssimo mestiço chamado Castro, que dizia ter alcançado portos distantes e falado com os chefes imortais do culto nas montanhas da China.

O velho Castro recordava fragmentos de odiosas lendas que menosprezavam as especulações dos teósofos e faziam de nosso mundo algo recente e fugaz. Em ciclos muito longínquos outros seres governaram a Terra. Viviam em grandes cidades, e seus vestígios ainda podiam ser encontrados disseram os imortais da China em pedras ciclópicas de algumas ilhas do Pacífico. Haviam morrido muitíssimo antes da aparição do homem, porém havia artes que poderiam revive-los quando os astros voltassem a ocupar a justa posição nos céus da eternidade. Estes seres, indubitavelmente, procediam das estrelas e haviam trazido suas imagens com eles.

Estes Grandes Antigos, continuou Castro, não eram de carne e osso. Tinham forma não – provava-o, acaso, a estatueta estelar? – mas essa forma não era material. Quando as estrelas eram propícias iam de mundo em mundo através do céu; mas quando eram desfavoráveis, não podiam viver. Porém, ainda que já não vivessem, não estavam realmente mortos. Jaziam todos em casas de pedra na grande cidade de R'lyeh, conservados pelos sortilégios do grande Cthulhu para o dia em que as estrelas e a Terra pudessem receber sua gloriosa ressurreição. Mas nessa época alguma força exterior devia ajudar na libertação de seus corpos. Os conjuros que impediam que se descompusessem impediam também que se movessem, e os Antigos tinham de contentar-se em jazer e pensar na escuridão enquanto transcorriam milhões de anos.

Sabiam tudo o que ocorria no mundo, pois sua linguagem consistia na transmissão de pensamentos. Nesse mesmo instante falavam em suas tumbas. Quando, após um caos infinito, apareceram os primeiros homens, os Grandes Antigos falaram aos mais sensíveis, moldando-lhes os sonhos.

Aqueles primeiros homens, murmurou Castro, estabeleceram o culto no qual adoravam os ídolos dos Grandes Antigos; ídolos trazidos de estrelas escuras em épocas infinitamente remotas. Esse culto não morreria, não até que as estrelas voltassem a ser favoráveis. Então os sacerdotes tirariam o grande Cthulhu de sua tumba, para que revivesse seus vassalos e assumisse seu reinado na Terra. Esse tempo seria fácil de conhecer, pois então a humanidade pareceria com os Grandes Antigos: selvagem e livre, além do bem e do mal, sem moral e sem lei. E todos os homens gritariam e matariam, e gozariam alegremente. Os Antigos, libertos, ensinariam novas formas de gritar e matar e gozar, e o mundo inteiro arderia em um holocausto de liberdade e êxtase. Para tanto, o culto, com ritos apropriados, devia conservar a recordação daqueles dias antigos e pressagiar seu retorno.

Nos primeiros tempos alguns homens escolhidos falaram em sonhos com aqueles seres, mas então algo acontecera. A grande cidade de pedra de R'lyeh, com seus monólitos e sepulcros, havia submergido nas ondas, e as águas dos abismos, com esse mistério primário

que ninguém imaginara sequer penetrar, interromperam suas mensagens espectrais. Mas as lembranças não morriam, e os altos sacerdotes afirmavam que quando os astros fossem favoráveis a cidade voltaria à superfície. Então os velhos espíritos da Terra, mofados e sombrios, saíam de seus subterrâneos e propagariam os rumores colhidos mais além, no nebuloso fundo do oceano. Mas deles o velho Castro não se atrevia a falar. Interrompeu-se de pronto e nem a persuasão nem as sutilezas puderam arrancar-lhe outras informações. Tampouco quis mencionar, curiosamente, o *tamanho* dos Antigos. Quanto ao culto, afirmou que seu centro devia encontrar-se nos desertos vazios da Arábia, onde Irem, a Cidade dos Pilares, repousa ainda intacta e secreta. Não tinha relação alguma com a bruxaria européia, e só era conhecido por seus membros. Nenhum livro aludia a ele, ainda que os chineses imortais dissessem que no *Necronomicon*, do árabe louco Abdul Alhazred, havia um sentido oculto que o iniciado podia interpretar de diversas maneiras, especialmente no tão discutido dístico:

***Não está morto quem pode eternamente esperar,  
E com o passar dos anos à própria morte matar.***

Legrasse, profundamente impressionado, e não pouco intrigado, buscara sem êxito as filiações históricas do culto. Castro, aparentemente, dissera a verdade ao afirmar que era secreto. As autoridades da Universidade de Tulane não puderam lançar luz alguma sobre o culto ou a imagem, e agora recorria às maiores autoridades e encontrava ali, com nada menos que o episódio da Groenlândia narrado pelo professor Webb.

O febril interesse que despertou o relato de Legrasse, corroborado pela presença da estatueta, teve grande eco nas cartas que os membros do congresso trocaram entre si, depois; mas recebeu apenas uma pequena menção no informativo oficial. Prudência é a preocupação primordial dos que pretendem evitar a charlatania e a impostura.

Legrasse emprestou por um tempo a estátua ao professor Webb, mas com a morte deste último devolveram-na, e desde então está em sua casa. Vi-a ali, não faz muito tempo. É deveras algo estremecedor, e pior, indiscutivelmente idêntica à escultura lavrada em sonhos pelo jovem Wilcox.

Não me assombrou que meu tio se entusiasmasse com o relato do homem. Que poderia pensar ao saber, agora inteirado das informações dadas por Legrasse, que um jovem sensível não só havia *sonhado* a figura e os hieróglifos das imagens do pântano e da Groenlândia, mas que também ouvira em *sonhos* três das palavras da fórmula repetida pelos mestres da Louisiana e os diabólicos esquimós? Era natural que o professor Angell tivesse instantaneamente iniciado uma minuciosa investigação, ainda que eu em meu foro íntimo suspeite que o jovem Wilcox tinha ouvido falar do culto, e inventou uma série de

sonhos para aumentar o mistério diante dos olhos de meu tio. O relato dos outros sonhos e os recortes colecionados pelo professor pareciam corroborar a história do jovem; mas meu bem fundado racionalismo e a total extravagância do assunto levaram-me a adotar as conclusões que julguei mais razoáveis. De modos que logo após estudar outra vez o manuscrito e comparar as notas teosóficas e antropológicas com a descrição do culto que Legrasse mencionara, fui até Providence para ver o escultor e repreende-lo por enganar de tal maneira um sábio ancião.

Wilcox ainda vivia sozinho no *Fleur de Lys*, da Thomas Street, uma desagradável imitação vitoriana da arquitetura bretã do século XVII. A fachada de estuque do hotel luzia ostensiva entre as encantadoras casas coloniais e à sombra do mais bonito campanário georgiano que se possa ver na América. Encontrei Wilcox em seu quarto, mergulhado em seu trabalho, e compreendi em seguida, pelas peças que o rodeavam, que seu gênio era profundo e autêntico.

Creio que durante um certo tempo Wilcox figurará entre os grandes decadentes; pois cristalizou em argila, e refletirá algum dia no mármore, esses pesadelos e fantasias evocadas na prosa por Arthur Machen, e que Clark Ashton Smith fez visíveis em versos e pinturas. Moreno, frágil, e de aspecto um pouco descuidado, Wilcox languidamente voltou-se e, sem deixar seu ofício, perguntou o que desejava. Quando disse quem era, manifestou certo interesse, pois meu tio havia excitado sua curiosidade ao examinar seus estranhos sonhos, ainda que sem expressar as razões desse exame. Sem estimular sua curiosidade, tratei prudentemente de fazê-lo falar.

Pouco tempo bastou para convencer-me de que era absolutamente sincero; falava de seus sonhos de um modo inequívoco. Esses sonhos, e seu resíduo subconsciente, haviam influenciado profundamente sua arte, e mostrou-me uma estátua mórbida, cujo modelo me fez tremer, quase, pela força de sua obscura sugestão. No lembrava ter visto o original, exceto no baixo-relevo criado durante um sonho, mas os contornos haviam-se formado insensivelmente sob suas mãos. Era, sem dúvida, a forma gigantesca da qual tinha falado em seu delírio. Logo comprovei que não sabia nada do culto, salvo o que o constante interrogatório de meu tio deixara escapar, e tratei outra vez de imaginar de que modo podia ter recebido estas impressões sobrenaturais.

Falava de seus sonhos de um modo estranhamente poético, fazendo-me ver com terrível claridade a cidade ciclópica de pedra verde e musgosa – *cuja geometria*, disse curiosamente, *era totalmente errônea* – e ouvi outra vez, com um tremor de expectativa, o subterrâneo chamado mental: *Cthulhu fhtagn, Cthulhu fhtagn.*

Estas palavras deviam representar a temível invocação que evocava o sono vigil de Cthulhu em sua abóbada de pedra em R'lyeh, e apesar de minhas idéias racionalistas senti-me profundamente perturbado. Wilcox, era indubitável, ouvira falar casualmente do culto, e havia-o esquecido em seguida na massa de suas leituras e concepções igualmente fantásticas. Mais tarde, em virtude de seu impressionável caráter, o culto encontrara um modo de expressão subconsciente em seus sonhos: o baixo-relevo de argila e a estátua que eu agora contemplava. De modos que a superstição fora involuntária. O jovem tinha uns modos um pouco afetados, e um pouco vulgares, que me desagradaram muito; mas eu já me dispusera a admitir tanto seu gênio quanto sua honestidade. Despedi-me amavelmente, e desejei-lhe todo o êxito que seu talento prometia.

O assunto do culto continuou me fascinando e às vezes imaginava adquirir um grande renome investigando sua origem e relações. Visitei New Orleans, falei com Legrasse e outros dois que haviam participado naquela antiga expedição, examinei a estatueta, e até interroguei os prisioneiros que ainda viviam. O velho Castro, por desgraça, morrera fazia vários anos. O que escutei então de viva voz, ainda que não fosse mais que uma confirmação detalhada dos escritos de meu tio, aumentou meu interesse, e tive a segurança de estar na pista de uma religião muito antiga e secreta cujo descobrimento me converteria em um antropólogo de nota. Minha atitude era ainda então absolutamente materialista, *como ainda queria que fosse*, e por uma inexplicável perversidade mental refutei a coincidência dos sonhos e dos recortes coletados pelo professor Angell.

Houve algo, contudo, que comecei a suspeitar e que agora creio saber: a morte de meu tio não foi nada natural. Caiu ao solo na colina, em uma das estreitas ruelas que saíam das docas, onde abundavam os mestiços estrangeiros, logo após um descuidado esbarrão de um marinheiro de tez escura. Eu não me esquecera que os oficiais da Louisiana se distinguiam pela mistura de sangues e seus interesses marinhos, e não me teria surpreendido saber da existência de agulhas envenenadas e métodos criminais secretos tão ausentes de piedade quanto aquelas crenças e ritos misteriosos. Legrasse e seus homens, por certo, não haviam sido molestados; mas na Noruega acaba de morrer um marujo que via coisas. Não poderiam ter chegado a ouvidos sinistros as investigações realizadas por meu tio após encontrar-se com o escultor? Hoje acredito que o professor Angell morreu porque sabia ou queria saber demais. É possível que me espere um fim semelhante, pois eu também aprendi muito.

## *LOUCURA NO MAR*

Se o céu decidisse algum dia fazer-me um insigne favor, apagaria totalmente de minha memória a descoberta que fiz, por simples casualidade, ao dar uma olhada numa folha de jornal que recobria uma estante. Era um velho número do *Sidney Bulletin* de 18 de abril de 1925, do qual não tomara conhecimento. Havia passado inadvertido até mesmo para a agência de recortes que estivera coletando, durante essa época, material para meu tio.

Havia quase abandonado minhas investigações acerca do que o professor chamava “O Culto de Cthulhu”, e me encontrava de visita em casa de um douto amigo de Patterson, New Jersey, conservador do museu local e mineralogista de renome. Examinando um dia os exemplares de reserva, amontoados em desordem nas estantes de uma das salas do fundo do museu, meu olhar se deteve na estranha ilustração de um dos periódicos estendido sob as pedras. Era o *Sidney Bulletin* que mencionei. Meu amigo possuía correspondentes em todos os países estrangeiros imagináveis. A imagem era uma fotografia em sépia de uma odiosa estatueta de pedra quase igual àquela que Legrassse encontrara no pântano.

Despojei vivamente a folha de seu precioso conteúdo, lendo o artigo com cuidado e lamentando sua brevidade. O que sugeria, contudo, era de suma importância para minha já vacilante busca. Arranquei cuidadosamente a notícia com o propósito de agir com rapidez. Eis o que continha:

*O VIGILANT APORTOU REBOCANDO UM IATE NEOZELANDÊS. UM MORTO E UM SOBREVIVENTE A BORDO. RELATOS DE COMBATES FURIOSOS E MORTES EM ALTO MAR. MARINHEIRO RESGATADO NEGA-SE A DAR DETALHES SOBRE SUA MISTERIOSA EXPERIÊNCIA. ESTRANHO ÍDOLO ENCONTRADO EM SEU PODER. TERÁ INÍCIO UMA INVESTIGAÇÃO.*

*O cargueiro Vigilant, da companhia Morrison, procedente de Valparaíso, aportou esta manhã em seu posto de amarras em Darling Harbour rebocando o iate Alert, de Dunedin, com sérias avarias, mas ainda dotado de um poderoso armamento. O iate foi avistado em 12 de abril aos 34°21' de latitude sul, e aos 152°17' de longitude oeste, com um morto e um sobrevivente a bordo.*

*O Vigilant deixou Valparaíso em 25 de março, e em 2 de abril foi consideravelmente afastado de seu curso, em direção ao sul, por excepcionais tempestades e enormes ondas. Em 12 de abril foi visto à deriva. Aparentemente havia sido abandonado, mas logo descobriram que levava um sobrevivente em estado de delírio, e um homem morto há pelo menos uma semana atrás.*

*O sobrevivente apertava entre suas mãos uma horrível pedra, de origem desconhecida, de uns trinta centímetros de altura, cuja origem os professores da Universidade de Sidney, da Sociedade Real e do museu da College Street não puderam determinar, e que o homem afirmava ter descoberto na cabine do iate, sobre um altar rudimentar.*

*O homem, após recobrar-se, relatou uma história de pirataria e violência sumamente estranha. Trata-se de um norueguês chamado Gustaf Johansen, de certa cultura, segundo oficial na galera Emma, de Auckland, que partiu para Calau a 20 de fevereiro com uma tripulação de 20 homens.*

*O Emma, informou, foi retardado e consideravelmente afastado de sua rota pela tempestade de 1º de março, e em 22 do mesmo mês, aos 49º51' de latitude sul e 128º54' de longitude leste encontrou o Alert, conduzido por uma tripulação de patifes, mestiços de aspecto condenável. O capitão Collins não obedeceu à ordem de virar e a tripulação do iate abriu fogo, sem aviso, com uma bateria de canhões de bronze particularmente pesada.*

*Os marinheiros do Emma, disse o sobrevivente, resistiram com valentia, mesmo enquanto a galera começava a afundar, pois vários projéteis haviam alcançado a linha de flutuação. Lograram acercar-se do inimigo e abordaram-no, pondo-se então a combater-lo no convés. Como os tripulantes do iate lutavam de modo torpe e cruel, tiveram de mata-los todos. Três dos homens do Emma, incluindo o capitão Collins e o primeiro oficial Gree, morreram; e os oito restantes, sob o comando do segundo oficial, Johansen, puseram-se a navegar na direção originalmente seguida pelo iate, a fim de descobrir a razão que havia-os feito mudar de rumo.*

*No dia seguinte desembarcaram em uma pequena ilha que não figurava em nenhum mapa. Seis dos homens morreram ali, ainda que Johansen se mostrasse particularmente reticente a esse respeito, dizendo que haviam caído por uma greta entre as rochas. Mais tarde, aparentemente, Johansen e seus companheiros voltaram ao iate e trataram de fazê-lo navegar, mas foram vencidos pela tempestade de 2 de abril.*

*Desde esse dia até 12 de abril, data em que recolheu-se ao Vigilant, Johansen diz não lembrar de nada, nem sequer de quando seu companheiro, William Briden, morreu. A morte aparentemente não se deve a outra causa que não às privações.*

*Cabogramas procedentes de Dunedin informaram que o Alert era muito conhecido como barco de carga e tinha má reputação. Pertencia a um curioso grupo de mestiços cujas freqüentes incursões noturnas aos bosques atraíam não pouca curiosidade. Depois da*

*tempestade e dos tremores de terra de 1º de março havia despregado apressadamente as velas.*

*Nosso correspondente em Auckland afirma que o Emma e seus tripulantes gozavam de excelente reputação e que Johansen é um homem digno de toda confiança.*

*O almirante vai iniciar uma investigação sobre o assunto, durante a qual tratarão de convencer Johansen a dar informações mais substanciais.*

Isto era tudo, além da diabólica imagem – mas que pensamentos despertou em minha mente! Estas novas e preciosas notícias acerca do culto de Cthulhu provavam que este possuía fiéis seguidores tanto no mar quanto em terra. Que razão havia impulsionado a híbrida tripulação a ordenar a volta do *Emma*, enquanto navegavam com seu ídolo? Que ilha desconhecida era aquela, na qual haviam morrido seis dos tripulantes, e acerca da qual o contramestre Johansen mostrava-se tão reticente? Que resultado tivera a investigação do almirante e o que sabia-se do odioso culto em Dunedin? E, o mais extraordinário, que profunda e natural relação de acontecimentos era esta, que dava uma significação maligna e inegável aos fatos tão cuidadosamente anotados por meu tio?

Em 1º de março – 28 de fevereiro, de acordo com o fuso horário internacional – havia-se produzido uma tempestade e um terremoto. O *Alert* e sua tripulação mal encarada deixaram Dunedin rapidamente, como se obedecendo a um imperioso chamado, e no outro extremo da Terra poetas e artistas haviam começado a sonhar com uma ciclópica cidade submarina enquanto um jovem escultor modelava, em sonhos, a forma do terrível Cthulhu.

Em 23 de março a tripulação do *Emma* desembarcava em uma ilha desconhecida, perdendo ali seis homens; e nessa mesma data os sonhos de algumas pessoas alcançaram sua maior intensidade e se obscureceram com o terror de um monstro maligno e gigantesco, enquanto um arquiteto enlouquecia, e um escultor caía presa do delírio. E que pensar da tempestade de 2 de abril, data em que cessaram todos os sonhos da cidade submersa, e Wilcox saiu indene daquela estranha febre? Que pensar igualmente daquelas alusões do velho Castro aos Antigos vindos das estrelas e a seu reino próximo, e a seu culto, e *seu controle dos sonhos*? Não estaria equilibrando-me à beira de um abismo de horrores cósmicos, insuportáveis para um ser humano? Em qualquer caso não afetara nada além da mente, pois em 2 de abril terminou, de algum modo, aquela monstruosa ameaça que sitiara a alma dos homens.

Aquela tarde, após passar o dia enviando telegramas e fazendo rápidos preparativos, despedi-me de meu hospedeiro e tomei um trem para San Francisco. Em menos de um

mês cheguei a Dunedin, onde, entretanto, descobri que sabiam muito pouco dos estranhos membros do culto que viviam nas pousadas marítimas. O meu vagar pelas docas é assunto demasiado comum, e não vale a pena mencioná-lo; mas ouvi algo a propósito de uma expedição terrestre realizada pelos mestiços durante a qual escutou-se o débil golpear de uns tambores e viu-se uma chama vermelha nas colinas distantes.

Em Auckland fui informado de que Johansen voltara para Sidney, onde acabava de submeter-se a inútil interrogatório, *com o cabelo totalmente grisalho*, e que, logo após vender sua casa na West Street, havia regressado com sua mulher ao seu torrão natal, em Oslo. De sua aventura não disse mais a seus amigos do que já sabiam os oficiais do almirante, e tudo que puderam fazer foi dar-me seu novo endereço.

Voltei então para Sidney, e falei sem êxito com a gente do mar e os membros da corte. Vi o *Alert* em Circular Quay, na baía de Sidney, mas seu casco nada revelou. A imagem acorçada, com cabeça de polvo, corpo de dragão, asas escamosas e pedestal com hieróglifos, estava exposta no museu de Hyde Park. Examinei-a com cuidado, e descobri que era estranhamente lavrada, e possuía o mesmo profundo mistério, terrível antigüidade e sobrenatural incerteza de material que o exemplar menor de Legrasse. Para os geólogos, disse-me o curador do museu, a estátua era um enigma monstruoso, e juravam que não havia no mundo uma rocha parecida. Recordei, estremecendo, o que dissera o velho Castro a propósito dos primeiros Grandes Antigos: “Vieram das estrelas, e trouxeram consigo suas imagens”.

Profundamente perturbado resolvi visitar o oficial Johansen em Oslo. Cheguei a Londres, embarcando em seguida para a capital da Noruega, e num dia de outono pus os pés em terra em um limpo desembarcadouro, à sombra do Egeberg.

A casa de Johansen, descobri, estava situada na Cidade Velha do rei Harold Haardrada, que havia conservado o nome de Oslo durante os séculos em que a cidade principal adotara o nome de Cristiânia. Fiz o curto trajeto em um táxi, e golpeei com o coração trêmulo a porta de uma casa velha e limpa, com fachada de gesso. Atendeu-me uma mulher de feições tristes, vestida de negro, que me informou num inglês vacilante que Gustaf Johansen não era mais deste mundo.

Não sobrevivera muito após a volta, pois a aventura marinha de 1925 destroçara sua saúde. A mulher não sabia mais que o público, mas Johansen havia deixado um longo manuscrito, que tratava “assuntos técnicos”, escrito em inglês, com a manifesta intenção de que sua esposa não entendesse. Enquanto passeava por uma ruela, perto das docas de Gothenburg, um maço de velhos periódicos, caído de uma janela, golpeou-o e veio ao solo. Dois marinheiros indianos ajudaram-no a levantar, mas o homem morreu antes que

chegasse a ambulância. Os médicos, incapazes de precisar a causa do falecimento, haviam-no atribuída a um mal-estar do coração e a uma debilidade geral.

Senti então que um escuro terror, que não me abandonaria até que também a mim fosse destinado o repouso eterno, acidentalmente ou por qualquer outro motivo, me trespassava os ossos. Após persuadir a viúva de que meu conhecimento desses assuntos técnicos me autorizava a possuir o manuscrito, levei o documento e comecei a lê-lo no barco que me conduzia até Londres.

Era um relato simples, desordenado; um diário marítimo redigido de memória em que se intentava refazer dia a dia aquela última e terrível viagem. Não o transcreverei literalmente devido suas obscuridades e redundâncias, mas meu resumo bastará para explicar por que o rumor das águas contra os costados do navio fez-se tão intolerável que tive de tapar os ouvidos.

Johansen, graças a Deus, não sabia de tudo, ainda que tenha visto a cidade e o monstro; mas eu já não conseguirei dormir em paz enquanto me lembrar do horror que aguarda emboscado do outro lado da vida, do tempo e do espaço, e daquelas malditas criaturas que vieram dos astros mais antigos e sonham nas profundezas do mar, conhecidas e favorecidas por um culto de pesadelo decidido a lança-las sobre nosso planeta cada vez que algum terremoto volte a elevar a monstruosa cidade de pedra acima da superfície, para a luz do sol.

A viagem de Johansen havia começado tal como declarara, ele mesmo, diante do almirante. O *Emma* deixara Auckland com lastro em 20 de fevereiro, e sentiu todo o impacto da tempestade consecutiva ao terremoto, que arrancou dos abismos marinhos o horror que povoou os sonhos dos homens. Recobrando o controle, o brigue navegou favoravelmente até encontrar o *Alert*, em 22 de março (e senti pena do oficial ao descrever o bombardeio e posterior afundamento de seu navio). Dos mestiços do iate, Johansen falava com um horror realmente significativo. Havia algo abominável neles, que fazia com que sua destruição parecesse quase um dever, e Johansen surpreende-se diante da acusação de crueldade que contra ele e seus companheiros foi feita na corte. Já no iate capturado, Johansen e seus homens, impulsionados pela curiosidade, prosseguem viagem até avistar uma alta coluna de pedra que emergia do oceano, e aos 49°9' de latitude oeste, e 126°43' de longitude sul, encontram-se diante de uma costa lamacenta, e um amontoado de blocos ciclópicos cobertos de algas que não poderia ser outra senão a substância tangível do terror supremo do universo: a cidade morta de R'lyeh, construída há milhões de anos, antes do começo de nossa história, pelas enormes e espantosas criaturas que desceram de astros desconhecidos. Ali jazem o grande Cthulhu e seus companheiros, ocultos sob abóbadas verdes e úmidas de onde enviam, após incalculáveis ciclos,

pensamentos que aterrorizam os homens sensíveis e reclamam imperiosamente aos fiéis do culto que iniciem a peregrinação da libertação e restauração. O oficial Johansen ignorava tudo isso, mas Deus sabe que vira o bastante!

Creio que emergiu das águas apenas a parte alta da cidadela, coroada por um enorme monólito, onde jaz o grande Cthulhu. Quando imagino o *tamanho* de tudo quanto pode esconder o fundo do oceano, sinto desejos de morrer sem esperar pelo pior. Johansen e seus homens sentiram-se aterrados diante da majestade cósmica dessa úmida Babilônia habitada por demônios, e devem ter suspeitado, instintivamente, que não pertencia nem a este nem a nenhum outro planeta similar. Em todas as linhas da estremecida descrição de Johansen percebe-se o mesmo pavor; diante do tamanho indescritível dos blocos de pedra verde, diante da altura vertiginosa do monólito lavrado, diante da assombrosa identidade das colossais estátuas e baixos-relevos com a estranha imagem encontrada na cabine do *Alert*.

Sem conhecer o futurismo, Johansen descreve, ao falar da cidade, algo muito parecido com uma obra futurista. Em vez de referir-se a uma estrutura definida, algum edifício, limita-se a falar de vastos ângulos e superfícies pétreas... superfícies demasiado grandes para serem deste mundo, e recobertas de hieróglifos e imagens horríveis. Menciono estes *ângulos* pois lembram-me os sonhos que Wilcox relatou. O jovem escultor afirmou que a geometria da cidade em seus sonhos era anormal, não euclidiana, e que sugeria esferas e dimensões distintas das nossas. E agora um marujo ilustrado tinha, diante da terrível realidade, a mesma impressão.

Johansen e seus homens desembarcaram na praia dessa monstruosa necrópole, e treparam, resvalando, pelas titânicas e musgosas escadarias que nenhum ser humano poderia edificar. O próprio sol parecia deformado quando olhavam-no através dos miasmas polarizados que emanavam dessa perversão submarina; uma ameaça tortuosa repousava nesses ângulos desconcertantes onde uma segunda olhada descobria uma concavidade onde havia-se acreditado ver uma convexidade.

Todos os exploradores, ainda antes de ver algo definido (salvo as rochas, o musgo e as algas) sentiram-se presas de indefinível terror. Todos teriam escapado, se não temessem o riso dos outros, e só de má vontade decidiram procurar – em vão, como compreenderam mais tarde – algo que servisse como lembrança da aventura.

Rodriguez, o português, foi o primeiro a chegar à base do monólito, e gritou aos outros o que acabara de descobrir. Pouco mais tarde os homens contemplaram curiosamente uma enorme porta de pedra lavrada com o já familiar baixo-relevo do polvo-dragão. Parecia, diz Johansen, a enorme porta de um celeiro. Todos viram ali uma porta, já que estava

enquadrada em um umbral, uma soleira e duas colunas, mas ninguém pôde decidir se estava situada horizontalmente, como a porta de um alçapão, ou algo inclinada, como a janela exterior de um terraço. Como dissera Wilcox, a geometria do lugar era errônea. Não podia-se estar certo de que o mar e o solo fossem horizontais, de modo que a posição relativa de todo o resto parecia variar fantásticamente.

Briden pressionou a pedra em diversos lugares, sem resultado. Logo Donovan apalpou com delicadeza as bordas, apertando separadamente cada ponto. Subiu com lentidão ao longo da grotesca moldura de pedra – pode-se dizer que subiu, se admitimos que a porta não era, enfim, horizontal – e os homens se perguntavam como uma porta podia ser tão enorme. Ao fim, muito suavemente, muito lentamente, a parte superior do painel começou a inclinar-se para dentro, e todos sentiram que a pedra balançava.

Donovan deslizou ou trepou de algum modo ao longo de uma das colunas laterais, e os homens puseram-se a observar o curioso retrocesso da porta monstruosa. Nesse fantástico mundo de deformações prismáticas, a pedra se desprendia anormalmente, na diagonal, desprezando todas as leis da matéria e da perspectiva. A abertura mostrava uma escuridão quase física. Essas trevas possuíam realmente uma *qualidade positiva*, pois ocultavam algumas partes das paredes interiores, que deveriam ser visíveis. Por fim surgiu daquele cárcere milenar algo assim como uma fumarada, que obscureceu a luz do sol enquanto se elevava para o céu, diminuído e afastado, com a ajuda de suas asas membranosas. O odor que saía daqueles abismos recém abertos era insuportável, e Hawkins, que tinha o ouvido afiado, acreditou escutar além, abaixo, um som pantanoso e imundo. Todos escutaram, e todos escutavam ainda quando o monstro se fez visível, babando e apertando sua imensidade verde e gelatinosa através da tenebrosa abertura, até elevar-se pesadamente no ar corrompido daquela cidade de pesadelo.

A letra do pobre Johansen é pouco mais que inteligível nessa parte. Dos seis homens que nunca chegaram ao barco, acredita que dois morreram simplesmente de medo naquele instante maldito. O monstro está além de qualquer descrição. Não há linguagem aplicável a esse abismo de horror imemorial, a essa pavorosa contradição de todas as leis da matéria, da força e da ordem cósmicas. Uma montanha que caminhava. Deus! Seria estranho que do outro lado da Terra enlouquecesse um grande arquiteto, e que naquele telepático instante a febre devorasse o pobre Wilcox? O monstro dos ídolos, o verde e viscoso demônio oriundo de outros astros, havia despertado para reclamar seus direitos. As estrelas eram novamente favoráveis, e o que um velho culto não pudera lograr por sua vontade, um punhado de inocentes marinheiros fizera por acidente. Após milhares de milhões de anos, o grande Cthulhu estava livre.

Três homens foram varridos por aquelas patas membranosas antes que alguém tivesse tempo de correr. Que descansem em paz, se há algum descanso no universo. Eram Donovan, Guerrero e Angstrom. Parker escorregou enquanto os outros três sobreviventes se precipitavam freneticamente em um cenário infinito de rochas esverdeadas. Johansen jura que o mesmo foi tragado por um ângulo que não devia estar ali; um ângulo agudo que havia-se comportado como se fosse obtuso. De modo que só Briden e Johansen chegaram ao bote, e se dirigiram desesperadamente até o *Alert* enquanto a montanhosa monstruosidade descia pelas escadarias de pedra escorregadia e detinha-se, titubeando, às margens do oceano.

As caldeiras haviam sido deixadas funcionando apesar de todos terem descido em terra, e bastaram uns poucos segundos de frenéticas correrias entre rodas e motores para porem o *Alert* em marcha. Lentamente, entre os horrores distorcidos dessa cena indescritível, a hélice começou a golpear as águas. Enquanto isso, na costa mortal, sobre aquelas construções que não eram deste mundo, o monstro gigantesco vindo das estrelas emitia gritos inarticulados, como Polifemo ao maldizer o veloz navio de Ulisses. Em seguida, com mais audácia que os ciclopes da lenda, o grande Cthulhu penetrou nas águas e iniciou a perseguição com golpes que levantaram ondas enormes. Briden voltou a vista e enlouqueceu. A partir de então riu a intervalos, até que a morte alcançou-o em sua cabine enquanto Johansen vagava delirando de um lado para outro.

Mas Johansen não havia abandonado a partida. Compreendendo que o monstro seguramente alcançaria o *Alert* antes que a pressão chegasse ao máximo, resolveu tentar algo desesperado, e, acelerando os motores, subiu rapidamente ao convés e fez girar o timão. Na superfície das águas surgiu um redemoinho espumoso, e enquanto crescia a pressão do vapor, o valente norueguês dirigiu o navio contra aquela montanha gelatinosa que erguia-se por sobre as espumas revoltas como a popa de um galeão demoníaco. A horrível cabeça de polvo, envolta em tentáculos, chegava quase até a ponta do mastro principal; mas Johansen não retrocedeu.

Houve um estalido como o de um globo que se desinfla, um líquido imundo como o de um cadáver putrefato ao ser aberto, uma hediondez que o cronista não se atreve a descrever.

Durante um instante uma nuvem verde, álcree e cegante, envolveu o barco, e um fervor maligno começou na popa, onde – Deus do céu – a fragmentada plasticidade daquela entidade celeste estava *recombinando-se* e recobrando sua forma primitiva, enquanto o *Alert* se distanciava mais e mais, adquirindo velocidade.

Isto foi tudo. Desse momento em diante Johansen se contentou em meditar sombriamente sobre o ídolo da cabine e preparar alguns poucos alimentos para ele e seu enlouquecido companheiro. Não preocupou-se em dirigir o navio; depois daquele incidente havia perdido algumas partes de sua alma. Logo sobreveio a tempestade de 2 de abril, que terminou de nublar sua consciência. Recordava confusamente infinitos abismos líquidos de espectrais paredes giratórias, vertiginosas piruetas por mundos fugidios na cauda de um cometa, e saltos convulsivos das profundezas do mar até a lua e logo outra vez até o mar, envolto pelo coro de gargalhadas das antigas divindades e dos esverdeados demônios do Tártaro, de asas de morcego.

Depois desses pesadelos veio o resgate, o *Vigilant*, o tribunal do almirante, as ruas de Dunedin e a longa viagem de volta à terra natal, junto ao Egeberg. Nada podia contar; passaria por louco. Escreveria tudo antes de morrer, mas sua mulher não devia suspeitar de nada. A morte seria benéfica para ele, apagando a recordação.

Assim terminava o documento que li. Guardei-o na caixa de metal, junto do baixo-relevo de argila e dos papéis do professor Angell. Incluirei este relato, esta prova de minha própria sinceridade, onde unir-se-á ao que espero nunca voltará a se reunir. Contemplei tudo o que no universo pode haver de horroroso, e ainda os céus da primavera e as flores do verão pareceram-me, desde já, impregnados de veneno. Mas não creio que vá viver muito. Como desapareceram meu tio e o pobre Johansen, assim desaparecerei. Sei demais – e o culto persiste.

Cthulhu persiste também, suponho, nesse refúgio de pedra que serve-lhe de abrigo desde que o sol era jovem. Sua cidade maldita afundou outra vez, pois o *Vigilant* navegou por aquele lugar depois da tempestade de abril; mas seus ministros na Terra bailam ainda, e cantam e matam em lugares isolados, ao redor de monólitos de pedra coroados de imagens.

Cthulhu deve ter sido preso pelos abismos submarinos, pois se não o mundo agora gritaria de horror. Quem conhece o fim? O que surge agora pode afundar, e o que afundou pode ressurgir. A abominação espera e sonha nas profundezas do mar, e sobre as vacilantes cidades dos homens flutua a destruição. Chegará o dia... mas não devo nem posso pensar! Rogo que, se não sobreviver a este manuscrito, meus executores testamentários cuidem para que a prudência seja maior que a audácia, e impeçam que o mesmo caia sob outras vistas.



*Ph'nglui mglw'nafh Cthulhu  
R'lyeh wgah'nagl fhtagn*